

**Inventário da Língua Brasileira de Sinais da Região de Palmas – Tocantins:  
Metodologia de Coleta e Transcrição de Dados**

**Inventory of Brazilian Sign Language at Palmas Region – Tocantins: Methodology  
of Data Gathering and Transcription**

Carlos Roberto Ludwig<sup>1</sup>

Renato Jefferson Bezerra Leão<sup>2</sup>

Roselba Miranda de Oliveira<sup>3</sup>

Bruno Gonçalves Carneiro<sup>4</sup>

Maria Inez Souza Maia<sup>5</sup>

José Ishac Brandão El Khouri<sup>6</sup>

Felipe de Almeida Coura<sup>7</sup>

Cristiano Pimentel Cruz<sup>8</sup>

Alanna Alencar de Araújo<sup>9</sup>

Rodrigo Augusto Ferreira<sup>10</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta alguns aspectos metodológicos em relação à documentação da Libras que será desenvolvida no âmbito do projeto Inventário da Língua Brasileira de Sinais da Região Metropolitana de Palmas – Tocantins. Pontuamos algumas questões sobre a Libras e a documentação das línguas de sinais. Apresentamos a metodologia de coleta, transcrição e análise dos dados do inventário da Língua Brasileira de Sinais da Região de Palmas – Tocantins. O

---

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente do curso de graduação em Letras-Língua Inglesa e Literaturas da UFT e Coordenador do Inventário da Língua Brasileira de Sinais da Região de Palmas. E-mail: carlosletras@uft.edu.br

<sup>2</sup> Mestrando em Letras pela UFT. Docente do Curso de Letras: Libras da UFT, Câmpus de Porto Nacional. E-mail: renatoleao@uft.edu.br

<sup>3</sup> Mestranda em Letras pela UFT. Docente do Curso de Letras: Libras da UFT, Câmpus de Porto Nacional. E-mail: roselba@uft.edu.br

<sup>4</sup> Doutorando em Letras e Linguística pela UFG. Docente do Curso de Letras: Libras da UFT, Câmpus de Porto Nacional. E-mail: brunocarneiro@uft.edu.br

<sup>5</sup> Mestrando em Letras pela UFT. Docente do Curso de Letras: Libras da UFT, Câmpus de Porto Nacional. E-mail: mm.inez@uft.edu.br

<sup>6</sup> Mestrando em Letras pela UFT. Docente do Curso de Letras: Libras da UFT, Câmpus de Porto Nacional. E-mail: Brandao.ufg@gmail.com

<sup>7</sup> Doutorando em Letras pela UFMG. Docente do Curso de Letras: Libras da UFT, Câmpus de Porto Nacional. E-mail: felipecoura@uft.edu.br

<sup>8</sup> Mestrando em Letras pela UFT. Docente do Curso de Letras: Libras da UFT, Câmpus de Porto Nacional. E-mail: cristianopimentelcruz@gmail.com

<sup>9</sup> Mestrando em Letras pela UFT. Docente do Curso de Letras: Libras da UFT, Câmpus de Porto Nacional. E-mail: alanna.a1510@gmail.com

<sup>10</sup> Mestrando em Letras pela UFT. Docente do Curso de Letras: Libras da UFT, Câmpus de Porto Nacional. E-mail: rodrifermg@gmail.com

Inventário da Libras da Região Metropolitana de Palmas – TO tem por finalidade criar um *corpus* da Libras representativo do estado do Tocantins. Por isso, trata-se de uma *replicação* do Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais neste estado, conforme prevê o projeto matriz, com sede na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Por esta razão, serão adotados os mesmos procedimentos metodológicos daquele projeto, a fim de se comparar os dados coletados no Tocantins com os dados de *corpora* de outros estados brasileiros.

**Palavras-Chave:** Documentação da Libras; inventário da Libras no Tocantins; Metodologia de coleta e transcrição de dados da Libras; Análise linguística da Libras.

**Abstract:** This essay presents some methodological aspects regarding the documentation of Brazilian Sign Language (Libras) which will be developed at the project Inventory of Brazilian Sign Language at the Metropolitan Region of Palmas – Tocantins. We first point out some issues on Libras and Sign Language documentation. We present the methodology of data gathering, transcription and analysis of the inventory of Brazilian Sign Language of the Metropolitan Region of Palmas – Tocantins. The inventory of Libras at Palmas Region aims at creating a representative *corpus* of Libras of Tocantins State. Thus, this is a replication project of the Brazilian Sign Language Inventory in this state, as proposed the matrix project, settled at Federal University of Santa Catarina (UFSC). That is the reason why we adopt the same methodological procedures of the matrix project, in order to compare data collected in Tocantins and other states in Brazil.

**Key-words:** Documentation of Libras; Inventory of Libras at Tocantins; Methodology of data gathering and transcription of Libras; Linguistic analysis of Libras.

**Submetido em 22 de dezembro de 2018.**

**Aprovado em 20 de janeiro de 2019.**

## **Introdução**

Esse artigo apresenta os procedimentos metodológicos para a coleta de dados do Inventário da Libras da Região de Palmas – Tocantins. Nesse sentido, o Inventário da Libras no Tocantins supre uma necessidade premente de identificação, reconhecimento, valorização e documentação da língua brasileira de sinais, em particular as variantes em uso no estado do Tocantins. Além da documentação da Libras no Tocantins, análises com dados do corpus da Libras serão desenvolvidas, a fim de oportunizar mais estudos linguísticos da Libras não só no estado, mas também no cenário nacional. Nesse sentido, análises das variantes locais, bem como análises comparativas com os dados do inventário de outros estados brasileiros contribuirão qualitativamente e quantitativamente para a compreensão do sistema linguístico da língua brasileira de sinais e a dinâmica de seu funcionamento no Estado do Tocantins.

Considerando que o projeto do Inventário da Libras da Região Metropolitana de Palmas – TO está vinculado a um projeto maior – Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais, da UFSC, seus objetivos serão, em parte, os mesmos utilizados pelo projeto matriz, devidamente adaptados à realidade do Estado do Tocantins. O Inventário

da Libras da Região de Palmas tem por finalidade criar um *corpus* da Libras representativo do estado do Tocantins e está vinculado ao Projeto Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais, da UFSC, que chamamos de projeto matriz, coordenado pela Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros. Nesse sentido, trata-se de uma *replicação* do Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais no Estado do Tocantins, conforme prevê o projeto matriz, com sede na UFSC. Por esta razão, serão adotados os mesmos procedimentos metodológicos daquele projeto, a fim de se comparar os dados coletados no Estado do Tocantins com os dados de *corpora* de outros Estados brasileiros. Dessa forma, a Região Metropolitana Palmas passa a compor o Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais, juntamente com as demais capitais que hoje fazem parte do projeto. Atualmente, integram o Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais os estados de Alagoas, Ceará, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Tocantins.

### **1. A Libras e a Documentação de Línguas de Sinais**

A Libras é uma língua de modalidade gestual-visual-espacial utilizada pela comunidade surda dos centros urbanos no Brasil. Apesar de ser a língua de sinais oficial do Brasil, reconhecida pela Lei Nº 10.436/2002, não significa que esteja longe de se tornar uma língua em risco, conforme já pontuado por Leite e Quadros (2014). A Libras e outras línguas sinalizadas, consideradas línguas de sinais nacionais, podem ser classificadas como línguas em risco esquecidas. Segundo Leite e Quadros (2014),

no caso das línguas de sinais nacionais, o seu caráter de risco está menos no nível de proximidade da extinção do que no fato de a grande maioria das pessoas que delas dependem para o seu desenvolvimento lingüístico, cognitivo, social e cultural só poderem ter acesso a ela de maneira tardia. Como agravante, esse contato tardio frequentemente se dá não com uma língua plenamente desenvolvida e gramaticalizada, mas com uma versão pidginizada da língua, utilizada por usuários que a dominam precariamente como uma segunda língua. E completando esse quadro dramático, todo esse processo precário de aquisição ocorre sob a mediação de uma sociedade que carrega fortes estereótipos e falsos conceitos sobre a natureza das línguas de sinais e sobre o estatuto social das pessoas surdas. (2014, p. 18).

O contato das crianças surdas, filhas de pais ouvintes, com a Libras e suas variantes acontece tardiamente. Contudo, na maioria das vezes, tal contato ocorre mediado por intérpretes e professores que, muitas vezes, não são fluentes na Libras e possuem uma relação de segunda língua com ela. Essa problemática dificulta o aprendizado da Libras, bem como da língua portuguesa (CARNEIRO, 2017). Além do mais, a criança surda é obrigada, com frequência, a recriar a língua brasileira de sinais a

partir de versões pidginizadas, visto que o contato tardio com esses “fragmentados” não provê um insumo linguístico suficiente para a aprendizagem da língua. Além do mais, deve-se levar em conta que a libras e sua disseminação vêm regada por preconceitos de uma sociedade ouvintista que insiste em enxergar deficiência na surdez, o que pode dificultar a valorização e fortalecimento da Libras. Todo esse cenário nos remete à história da educação de surdos, conforme discutido por Maia (2017).

O estatuto de risco das línguas de sinais não se aplica apenas a Libras, mas a todas as línguas de sinais do Brasil. Leite e Quadros (2014) discutem que

tanto línguas de sinais nativas quanto a língua de sinais nacional vivenciam uma situação ‘de risco’, ainda que sejam riscos de natureza distinta. [...] Surdos e ouvintes usuários de línguas de sinais nativas correm um risco real de ver a sua língua desaparecer, quando confrontados com a existência de uma língua de sinais nacional. Esse risco provém de uma visão de que aquilo que provém dos grandes centros é melhor do que aquilo que provém das pequenas comunidades, um raciocínio similar ao dos povos europeus diante dos “povos selvagens” das Américas, África e Ásia, que marcou a era colonial. (2014, p. 19)

Visto que há um risco de algumas línguas sinalizadas serem extintas ou esquecidas num cenário nacional, é essencial a documentação e o desenvolvimento de pesquisas que contribuam para o reconhecimento, preservação e consolidação da Libras e suas variantes, bem como outras línguas de sinais locais.

Segundo Quadros e Silva (2017), com base nos estudos de Nonaka (2004), há uma distinção das línguas de sinais em *nacionais*, *nativas* e *originais*, as quais podem ser caracterizadas da seguinte forma:

as línguas de sinais nacionais, que desfrutam de algum reconhecimento e/ou políticas linguísticas que as colocam como língua oficial da comunidade surda de seus respectivos países; as línguas de sinais nativas, faladas em pequenas comunidades pouco ou nada urbanizadas, em geral distantes dos grandes centros, que apresentam grande incidência de surdez; e as línguas de sinais originais, que também eram faladas por pequenas comunidades de surdos previamente à instituição de uma língua de sinais nacional no país. (QUADROS; SILVA, 2017, p. 143).

Como exemplo, Quadros e Silva (2017) citam, dentre as línguas de sinais originais, a Língua de Sinais Urubu-Kaapor, Língua de Sinais Sateré-Waré, Língua de Sinais Kaingang, Língua de Sinais Terena, Língua de Sinais Guarani-Kaiowá, Língua de Sinais Pataxó; dentre as nativas, Cenas e Acenos (QUADROS; SILVA, 2017, p. 143-144). A Libras se enquadra como exemplo de uma língua nacional, assim como a língua

americana de sinais (ASL), língua britânica de sinais (BSL), língua italiana de sinais (LIS), língua australiana de sinais (Auslan), dentre muitas outras.

No caso da Libras, uma língua nacional, apesar de seu reconhecimento oficial, ainda é uma língua em situação de risco, que carece de documentação (LEITE; QUADROS, 2014). Nas palavras de Quadros e Silva (2017, p. 143), “é a documentação que permitirá não apenas às comunidades usuárias dessas línguas, mas a toda população do país, reconhecer o valor e a riqueza de suas particularidades linguísticas e das perspectivas culturais nelas imbuídas.” Nesse sentido, a documentação das línguas de sinais contribui significativamente para o reconhecimento e a valorização da língua, bem como a cultura e as identidades surdas. Da mesma forma, outras línguas de sinais nativas e originais do Brasil, utilizadas por comunidades minoritárias, necessitam de documentação sistemática para que saiam da “zona de risco”.

As pesquisas linguísticas sobre as línguas de sinais iniciaram com o estudo seminal de Stokoe, em 1960. Antes disso, a língua de sinais americana (ASL) não era considerada uma língua natural, mas apenas gestos e mímicas aleatórios. Stokoe (1960) percebeu que a ASL apresentava unidades mínimas distintivas e recombinativas, assim como as línguas faladas. A partir dessa constatação, o linguista norteamericano estabeleceu três parâmetros para a ASL: Configuração de Mão (CM), Locação (L) e Movimento (M). Os achados de Stokoe serviram de base para pesquisas de línguas de sinais de outros países. Posteriormente, foram acrescentados também os parâmetros Orientação da Palma (Or) e Expressões Não-Manuais (ENMs) (BATTISON, 1978 apud FERREIRA-BRITO, 1995).

Após o reconhecimento das línguas de sinais, como línguas humanas naturais pela área de linguística, vários estudos foram desenvolvidos nos diversos campos da linguística das línguas de sinais. A partir dessas pesquisas iniciais, outros pesquisadores se debruçaram sobre a análise linguística da Libras, em particular Ferreira-Brito (1984, 1995), Quadros (1999), Quadros e Karnopp (2004), Xavier (2006, 2014), Leite (2008), Nascimento (2003, 2009), Khouri e Carneiro (2017), dentre outros. Esses estudos demonstram a riqueza e a complexidade da língua brasileira de sinais, bem como comprovam que a Libras apresenta todas as características de uma língua natural, como quaisquer outras línguas humanas.

Apesar dessas investigações, ainda há uma carência muito grande de pesquisas sobre as línguas de sinais, sobretudo no Brasil. Embora haja estudos bastante

desenvolvidos sobre outras línguas de sinais, bem como haja arcabouços teóricos das línguas sinalizadas com certo avanço, nada garante que uma língua de sinais consiga driblar o estatuto de risco sem a documentação sistemática, consistente e abrangente.

Num contexto de carência de documentação das línguas de sinais, os desafios de pesquisa são muitas, desde a qualidade das filmagens, a captura de detalhes dos fenômenos articulatórios manuais e não-manuais e do uso produtivo do espaço de sinalização, até mesmo problemas de registro, armazenamento e recuperação dos dados coletados. Um pesquisador perde horas pesquisando determinados parâmetros de um sistema que compõe a estrutura gramatical da língua, por exemplo, na falta de um corpus sistematizado da língua de sinais em questão. Para uma análise detalhada de todos os parâmetros envolvidos na sinalização, é necessária uma descrição minuciosa e sutil do corpo e do espaço em um contexto discursivo, para que o pesquisador consiga apreender todos os detalhes envolvidos na sinalização, os quais contribuem significativamente para a análise precisa e consistente de uma língua de sinais (LEITE, 2008; LEITE; QUADROS, 2014).

Além disso, conforme menciona Quadros (2016),

A documentação da Libras está diretamente relacionada com as funções difusão das línguas e manutenção das línguas. Estas duas funções estão relacionadas também com a revitalização da Libras, uma vez que essa língua passa a [figurar] em diferentes espaços dentro da sociedade brasileira, a partir dos desdobramentos das ações previstas no Decreto 5.626. (2016, p. 160)

Vale salientar que a sistematização dos procedimentos de documentação das línguas de sinais, tais como os de coleta, registro, armazenamento e recuperação de dados e metadados das línguas de sinais no mundo têm recebido muita atenção nas pesquisas nos últimos anos, como nos estudos de Crasborn, van der Kooij e Mesch (2004); Efthimiou e Fotinea (2007); Hanke (2000); Leeson, Saeed e Byrne-Dunne (2006); Schembri (2008); e Chen-Pichler et. al. (2010). No Brasil, a criação do Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais permite a sistematização e a disponibilização de dados em escala bastante satisfatória. Para concretizar a proposta de documentação sistemática e consistente da língua, o inventário nacional da Libras será replicado em todos os estados brasileiros, contribuindo para a documentação, valorização e pesquisas da Libras e de outras línguas de sinais, próximo ao contexto da língua em uso.

## 2. Metodologia da coleta dos dados do Inventário da Libras no Tocantins

Com o propósito de utilizar os mesmos critérios de coleta de dados do Projeto Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais da UFSC, o presente projeto coletará apenas os dados da Região Metropolitana de Palmas. Por esse motivo, trata-se de um “*corpus* representativo”, visto que não teremos representação da língua sinalizada da comunidade surda de todas as regiões do Tocantins.

Apesar de a primeira fase do projeto envolver apenas a região metropolitana de Palmas, na segunda fase do projeto pretendemos fazer a coleta dos dados de outras regiões do Estado do Tocantins. Para tanto, serão redefinidos o número de informantes, a metodologia de coleta e a escolha dos informantes, em conjunto com o projeto Matriz, Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais, da UFSC, coordenado pela Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros

A Região Metropolitana de Palmas (TO) é regulamentada pela Lei Estadual N° 2.824, de 30 de dezembro de 2013. A região metropolitana de Palmas é composta por 16 municípios, a saber: Palmas, Aparecida do Rio Negro, Barrolândia, Brejinho de Nazaré, Fátima, Ipueiras, Lajeado, Miracema do Tocantins, Miranorte, Monte do Carmo, Oliveira de Fátima, Paraíso do Tocantins, Porto Nacional, Pugmil, Silvanópolis e Tocantínia. (Figura 1).



**Figura 1 – Mapa da Região Metropolitana de Palmas – Tocantins**

Fonte: <https://secom.to.gov.br/noticia/174518/>

No escopo do presente projeto, a pesquisa iniciará a constituição do inventário da Libras com um corpus que representa a língua brasileira de sinais em uso na região metropolitana de Palmas, Estado do Tocantins. A constituição do corpus de Libras em Palmas vai envolver uma equipe de pesquisadores do Curso de Libras: Libras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, com o apoio da Coordenadora do Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais, Profa. Dra. Ronice Quadros, da Universidade Federal de Santa Catarina. A definição dos instrumentos e do detalhamento do formato do Corpus da Libras foi constituída nesta primeira etapa, em que já são realizadas as primeiras coletas de dados do Inventário de Libras com a perspectiva de expansão de um projeto nacional. O projeto iniciou, portanto, com o Estado de Santa Catarina e, neste segundo momento, essa proposta está sendo replicada nos demais Estados; dentre eles o Tocantins, que conta com a participação de pesquisadores e colaboradores locais.

### **3. A escolha dos informantes e questões éticas da pesquisa**

Como *informantes*, serão selecionados membros da comunidade surda da região metropolitana da Palmas – Tocantins, os quais devem atender os seguintes critérios:

- i) ser nato do estado, ou residir no estado do Tocantins por pelo menos 10 anos; ii) ter adquirido a Libras em idade pré-escolar (até 7 anos de idade), ou no mínimo por mais de 7 anos (tempo de exposição à língua), ou com proficiência notória na comunidade; iii) a dupla deverá ser formada por pessoas íntimas entre si (amigos ou parentes), preferencialmente do mesmo gênero e faixa etária. (LUDWIG; QUADROS, p.18, 2018).

Além do mais, é importante que, dentre as 18 duplas que serão entrevistadas, o pesquisador local e sua assistente busquem selecionar duplas com perfis variados. Deverão levar em consideração os seguintes critérios: o conjunto de 36 informantes deve conter surdos que façam parte de 3 grupos distintos, assim distribuídos: Grupo 1 (G1) deve ser composto por surdos jovens (até 29 anos); Grupo 2 (G2), por surdos de meia idade (entre 30 e 49 anos); e o Grupo 3 (G3) deve ser representado por surdos com idade avançada (a partir de 50 anos) (LUDWIG; QUADROS, 2018, p. 18,). Dentre os 3 grupos de surdos, cada grupo será composto de 12 surdos, formando 6 duplas, sendo 3 duplas de mulheres e 3 duplas de homens. Todos os surdos deverão ser maiores de 18 anos.



Preferencialmente, os surdos deverão ter “diferentes graus de escolarização (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior completo)” (LUDWIG; QUADROS, 2018, p. 18).

Selecionaremos 36 surdos da região metropolitana de Palmas como informantes. Esses 36 surdos serão entrevistados em duplas, constituindo assim 18 entrevistas. Estima-se que a coleta de dados com cada dupla tenha aproximadamente 2 horas, o que totaliza 72 horas de vídeo. (QUADROS, 2017).

Por fim, só serão aceitos como informantes no Corpus da Libras da Região de Palmas os surdos maiores de 18 anos e que aceitarem, sem quaisquer restrições, “todas as condições de uso e distribuição de suas imagens, tal como será definido no *Termo de Consentimento para Participação na Pesquisa*” (LUDWIG; QUADROS, 2018, p. 18). Além disso, projeto já possui a aprovação do Comitê de Ética da UFSC, por meio de uma emenda do projeto matriz, o Inventário Nacional da Libras.

#### **4. Coleta, transcrição e validação dos dados**

A coleta dos dados será realizada por meio de filmagens em um estúdio no Curso de Letras: Libras, da UFT/Câmpus de Porto Nacional. O estúdio de filmagens deverá ser um espaço em que os surdos informantes se sintam à vontade. A equipe de coleta envolverá o pesquisador local surdo, mais uma assistente de filmagens. Haverá um técnico que apoiará a equipe de filmagem, mas só será chamado quando houver necessidade. Além disso, ele não poderá estar presente no estúdio durante as filmagens, para não haver interferências na coleta dos dados.

Conforme já pontuado por Quadros (2016) e Ludwig e Quadros (2018), o estúdio de filmagens conta com 4 filmadoras com o objetivo de captar a sinalização dos informantes em diferentes tomadas. A disposição das câmeras se apresenta da seguinte forma: uma câmera será posicionada na frente dos dois informantes, para captar uma imagem mais panorâmica dos surdos em sua sinalização. Uma câmera será posicionada mais atrás na lateral do informante 1 para captar a sinalização do informante 2; da mesma forma, uma outra câmera será posicionada mais atrás na lateral do informante 2 para captar a sinalização do informante 1. A quarta câmera será instalada no teto do estúdio, de modo que registre a sinalização com vista panorâmica de cima. (Figura 2). Essa disposição das câmeras se faz necessária para uma análise sutil e detalhada dos

articuladores manuais e não-manuais, conforme pontuado por Leite (2008) e Quadros (2016).



**Figura 2 – Posição das Quatro Câmeras no Estúdio de Filmagens**

Fonte: Quadros (2016, p. 167)

Inicialmente, o projeto previa que cada participante teria acesso a um notebook para acesso aos estímulos linguísticos de eliciação em Libras. Contudo, após a realização de testes no estúdio do Corpus na UFSC, a fim de atender a comodidade e melhor visibilidade dos estímulos linguísticos, optou-se por instalar 2 monitores ligados a 2 notebooks, a partir dos quais os pesquisadores responsáveis pelas filmagens controlarão os estímulos linguísticos de cada informante. Vale destacar que cada monitor está posicionado na lateral dos informantes, de modo que o informante 1 só terá acesso aos estímulos projetados no monitor ao lado do informante 2, ao passo que o informante 2 verá somente os estímulos linguísticos projetados no monitor ao lado do informante 1. Desse modo, cada informante terá acesso a apenas um conjunto de estímulos, linguísticos não podendo ver os dados projetados para o surdo sentado a sua frente. (Figura 3).



**Figura 3 – Tomadas das Entrevistas**

Fonte: Quadros (2016, p. 167)

Os dois pesquisadores surdos têm acesso a dois notebooks, dos quais controlam e manipulam os estímulos linguísticos para registrar as informações das seções de filmagem. As seções com os informantes surdos terão duração aproximada de 2 horas. Apresentarão as seguintes atividades de eliciação e estímulos linguísticos: a) entrevista inicial sobre a vida do informante (20 a 30 minutos); b) eliciação de narrativas, na qual o informante irá recontar 3 narrativas previamente selecionadas: a *Pear Story*; a *Frog: where are you?*; e a *Canary Row*, de Tweety & Sylvester (30 minutos); c) intervalo de descanso (20 minutos); d) eliciação gramatical e lexical (30 minutos), na qual o informante sinalizará itens lexicais e construções gramaticais por meio de figuras; e) conversão sobre temas pré-determinados (20-30 minutos) f) conversação livre (10 minutos), em que os dois surdos ficarão sozinhos no estúdio para uma conversa livre. (LUDWIG; QUADROS, 2018 p; 20; QUADROS, 2016).

## **5. Armazenamento, Transcrição e Recuperação dos Dados**

Após a filmagem e coleta dos dados, todos os dados serão armazenados em 4 backups do projeto. Um backup num HD externo de 20 TB localizado no Curso de Letras: Libras; um backup no servidor da UFT; um backup na nuvem, compartilhado no Google; e, por fim, um backup num HD externo de 10 TB, que será mantido pelo coordenador do

projeto. Essa metodologia de armazenamento dá segurança à manutenção, acesso e recuperação dos dados sempre que necessário. Além disso, as filmagens serão gravadas sempre em 2 pastas de arquivos. Uma pasta com dados brutos e uma segunda pasta com dados editados para serem posteriormente transcritas pela equipe do projeto.

Após o armazenamento, será iniciada a *transcrição dos dados*. Todos os dados serão transcritos com o ELAN, programa que foi desenvolvido pelo MPI com o objetivo de transcrever, especificamente, dados multimodais, de voz e/ou vídeo (Figura 4). Esse programa está disponível gratuitamente no site <http://www.lat-mpi.eu/tools/>. Considerando que transcrição dos dados é bastante complexa e demorada (LEITE, 2008), estima-se que 1 minuto de filmagem leve, em média, 1 hora de trabalho, apenas com as trilhas básicas: a) a glosa dos sinais manuais, integrado ao Identificador de Sinais para as mãos direita e esquerda, sempre que necessário; b) tradução para o português. (QUADROS; LUDWIG, 2018). A transcrição será realizada a partir de um arquivo modelo utilizados por todos os pesquisadores de todos os projetos que compõem o Inventário Nacional da Libras.



**Figura 4 – Tela de um Arquivo do ELAN, com as quatro tomadas da entrevista**

Fonte: Quadros (2016, p. 168)

Além disso, todos os pesquisadores terão acesso permanente às *convenções de transcrição* do Inventário Nacional da Libras. Periodicamente, as convenções poderão passar por ajustes, conforme as dúvidas e os problemas de transcrição forem surgindo.

Para solucionar os problemas de transcrição e tradução, a equipe do Inventário da Libras da Região de Palmas realizará reuniões periódicas para solucionar os problemas e dúvidas das transcrições e traduções.

As transcrições realizadas pelos pesquisadores passarão por um processo de *validação* periódica. Para tanto, os membros mais experientes do projeto farão uma segunda transcrição de amostras de filmagens coletadas no Inventário da Região de Palmas, bem como de outros estados do Inventário Nacional da Libras. Será feita uma análise comparativa para verificar inconsistências e introduzir ajustes sempre que necessário (LUDWIG; QUADROS, 2018; QUADROS, 2016). A validação dos dados visa à manutenção da qualidade das transcrições, o que proporciona mais segurança nas futuras análises dos dados do Inventário da Libras.

### **Considerações Finais**

Este artigo intitulado *Inventário da Libras no Tocantins: constituição e coleta de dados* objetivou discutir a proposta de documentação da Libras que será desenvolvida no projeto *Inventário da Língua Brasileira de Sinais da Região Metropolitana de Palmas – Tocantins*. Conforme mencionamos, este projeto está vinculado a um projeto maior, o *Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais*, coordenado pela Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros, da Universidade Federal de Santa Catarina. A finalidade é criar um *corpus* da Libras representativo do estado do Tocantins.

As línguas de sinais brasileiras são línguas consideradas em risco, apesar de apresentarem status de risco distintos. As línguas de sinais nativas possuem o risco eminente de serem extintas, diante de uma provável postura hegemônica frente a uma língua de sinais nacional. A língua de sinais nacional, a Libras, é uma língua considerada em risco esquecida, apesar de possuir um certo reconhecimento e prestígio enquanto língua do país. Isso acontece porque os falantes utentes da Libras, que dela dependem para o desenvolvimento de todas as funções cognitivas, emotivas e sociais que perpassam pela língua em uso, tem acesso tardio a ela.

Nesse sentido, o Inventário da Libras no Tocantins supre essa necessidade premente de identificação, reconhecimento, valorização e documentação da língua brasileira de sinais, em particular as variantes em uso no estado do Tocantins. Além da documentação da Libras no Tocantins, análises com dados do corpus da Libras serão desenvolvidas, a fim de oportunizar mais estudos linguísticos da Libras não só no estado,

mas também no cenário nacional. Estas são ações fundamentais para a implementação de políticas linguísticas, educacionais e de acessibilidade envolvendo a comunidade surda brasileira.

Conforme prevê o projeto matriz, com sede na UFSC, o inventário da Libras no Tocantins adotará os mesmos procedimentos metodológicos daquele projeto, que envolve etapas de constituição e a metodologia de coleta, transcrição e análise dos dados específicos.

Ressaltamos que no estado do Tocantins, a Universidade Federal do Tocantins através do Curso de Letras Libras e do Programa de Pós-Graduação em Letras, ambos no Campus de Porto Nacional, têm contribuído com pesquisas linguísticas sobre a Libras e educação de surdos. Uma dessas ações envolve o Inventário da Libras no Tocantins, que conta com grande parte de suas ações coordenadas por professores surdos, a garantir uma perspectiva surda na construção de conhecimento. A UFT hoje possui 12 professores surdos efetivos que, articulados à comunidade surda local, contribuem para a implementação de políticas frente as demandas legais que ora se apresenta no cenário Estadual e municipais.

## Referências

BRASIL. Lei Nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.

BRASIL. Decreto Nº 5626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

CARNEIRO, B. G. Emergência de um padrão surdo do português escrito. *Porto das Letras*, ISSN 2448-0819, Vol. 04, Nº 01. Jan.-jun., 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/3806>. Acesso em 07 jul. 2019.

FERREIRA-BRITO, L. Similarities and differences in two Brazilian sign languages. *Sign Language Studies*, vol. 42, spring, p. 45-56, 1984.

FERREIRA, Lucinda. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro. Reimpressão. 2010.

GERACI, C.; BATTAGLIA, K.; CARDINALETTI, A.; CECCHETTO, C.; DONATI, C.; GIUDICE, S.; MEREGHETTI, E. The LIS Corpus Project: a discussion of

sociolinguistic variation in the lexicon. *Sign Language Studies*, vol. 11, n. 4, sum, p. 528-5746, 2011.

KHOURI, J. I. B. E.; CARNEIRO, B. G.; CRUZ, A. Verbos de indicação na Libras: possíveis evidências de distanciamento. *Porto das Letras*, ISSN 2448-0819, Vol. 03, Nº 01. Jan.-jun., 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/4858>. Acesso em 07 jul. 2019.

LEITE, T.A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. 280f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, São Paulo, 2008.

LEITE, T. A.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: STUMPF, M.; QUADROS, R. M.; LEITE, T. A. *Estudos da Língua Brasileira de Sinais II*. Florianópolis: Insular, 2014. Cap. 1. p. 15-28.

LREC Proceedings of 3<sup>rd</sup>. Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages: Construction and Exploitation of Sign Language Corpora, Marrocos, 2008. Disponível em <<http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/lrec2008/main.html>>. Acessado em 26 de agosto de 2018.

LUDWIG, C. R.; QUADROS, R. M. *Inventário da Língua Brasileira de Sinais da Região de Palmas – Tocantins*. (Projeto de Pesquisa). Porto Nacional: UFT, 2018.

MAIA, M. I. S. A importância da história dos surdos para o avanço da educação. *Porto das Letras*, ISSN 2448-0819, Vol. 03, Nº 01. Jan.-jun., 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/4765>. Acesso em 07 jul. 2019.

NASCIMENTO, S. P. F. do. *Representações Lexicais da Língua Brasileira de Sinais: Uma Proposta Lexicográfica*. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2009.

NONHEBEL, A.; CRASBORN, O.; KOOIJ, E.V.D. LREC Sign language transcription conventions for the ECHO Project: BSL and NGT mouth annotations. Version 2, 20 jan, 2004. Disponível em <[file:///Users/macair/Downloads/NonhebelCrasbornKooij2004transcriptionmouth%20\(1\).pdf](file:///Users/macair/Downloads/NonhebelCrasbornKooij2004transcriptionmouth%20(1).pdf)> Acessado em 26 de agosto de 2018.

O'KEEFE, A.; MICHAEL, M. *The routledge handbook of corpus linguistics*. London: Routledge, 2010.

PIZZUTO, E.; PIETRANDREA, P. Open questions and indications for further research. The notation of signed texts: open questions and indications for further research. *Sign Language & Linguistic*, v. 2, n.1/2, p. 29-45, 2001.

- QUADROS, R. M. de. *Phrase Structure of Brazilian Sign Language*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS. Porto Alegre, 1999.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L.B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUADROS, R.M. Documentação da Língua Brasileira de Sinais. *Anais do Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística*. GARCIA, M.V. C. (orgs.) Brasília, DF: Iphan, 2016, p. 157-174
- QUADROS, R. M.; SILVA, D. S. das. As comunidades surdas brasileiras. In: ZAMBRANO, R. C.; PEDROSA, C. E. F. *Comunidades Surdas na América Latina*. Florianópolis: Editora Bookess, 2017, p. 135 – 152.
- STOKOE, W.C. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. *Studies in linguistics: occasional papers*, n. 8, 1960.
- TREVOR, J. Transcription and glossing of sign language texts: examples from Austan. *International Journal Sign Linguistics*, v. 2, n.1, p. 3-28, 1991.
- TREVOR, J. The lexical database of Auslan. *Sign language & Linguistics*, v. 3, n.1-2, p. 145-169, 2001.
- TREVOR, J.; SCHEMBRI, A. Issues in the creation of a digital archive of a signed language. In: BARWICK, L; THIEBERGER, N. (Eds). *Sustainable data from digital fielwork*. University of Sydney Press: Sydney, 2006, pp. 7-16.
- TREVOR, J.; SCHEMBRI, A. Testing language description through language documentation, archiving and corpus creation: the case of indication verbs in Auslan Archive Corpus. *Proceedings of Conference on Language Documentation & Linguistic Theory*. London: SOAS, 2007, pp. 7-16.
- XAVIER, A. N. *Descrição Fonético-Fonológica dos Sinais da Língua de Sinais Brasileira (Libras)*. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.